
Eu estava na prisão e tu vieste ver-me

“Ser um líder cristão é promover a cura e trabalhar pela paz; o perdão é um elemento essencial nesse processo. Existem histórias maravilhosas de perdão que acentuam a cura que ele traz”
(Outras Vozes, cap.5 – Ir. Peter Carroll)

Ir. Manuel Mesonero Sánchez,
Coordenador da Pastoral Vocacional
Província Ibérica, Espanha



Durante toda a minha vida marista, fui professor de crianças e jovens de diferentes idades, mas principalmente de crianças da escola primária. A minha ação apostólica, fora da sala de aula, centrou-se na pastoral juvenil em nível provincial e local. Atualmente, ensino, a tempo integral, na Primária e na ESO e continuo a dirigir a pastoral juvenil no colégio de Villalba. Fora destas funções, fui voluntário, durante mais de vinte anos, na pastoral carcerária, em várias prisões de Madrid.

O MEU TRABALHO. Nas prisões, nos últimos 10 anos, dei cursos de formação de 25 horas; cerca de dez cursos por ano. O curso PPS trata do Apoio ao Risco de Suicídio que alguns reclusos têm quando entram em depressão ou ansiedade limítrofe. O curso de Primeiros Resultados, para os ajudar a não quebrar, mas acima de tudo a não reincidir. Também fiz cursos sobre violência de gênero, para reclusos que cometeram delitos menores sobre este assunto. E, finalmente, cursos sobre o tabagismo, para reclusos que querem deixar de fumar e de outras dependências.

POR QUE É QUE EUVOU? Vou à prisão porque encontro reclusos vulneráveis que precisam de apoio. Nas prisões, encontramos pessoas que foram maltratadas e abusadas quando crianças e que não conseguiram ultrapassar esse trauma. Encontramos pessoas que caíram na droga e se tornaram escravas de substâncias e perderam a sua liberdade de escolha devido aos efeitos que estas têm no cérebro humano. Pessoas que escolheram o caminho fácil do roubo, da extorsão ou do tráfico ilegal e que agora perderam tudo.



Estas vidas destroçadas, estas existências sombrias, que por vezes tentaram o suicídio, estão presentes nos nossos cursos. Criamos um ambiente de confiança, onde há encontros diretos. Partilhar a sua dor e os erros que cometeram torna-se para nós uma luz que nos ilumina e nos encoraja a voltar. Sentimos, em cada sessão, que, tendo-os ajudado a manter a esperança, a nossa vida valeu a pena.

O QUE É QUE EU APRENDO? Penso que a primeira lição que se aprende na prisão é tomar consciência de como o mundo é injusto. Sobretudo por causa das leis e dos sistemas jurídicos, em que só alguns podem defender a sua inocência, e também por causa da falta de oportunidades que muitos têm para se desenvolverem como pessoas. E outrossim pela falta de oportunidades que muitos têm para se desenvolverem como pessoas. Por que é que alguns nasceram com pais abusivos e eu com pais que me amaram e cuidaram de mim?

Mas a lição por excelência, sessão após sessão, é ver como o ser humano é inviolável na sua natureza. As suas circunstâncias de privação de liberdade ou de delinquência não anulam a sua dignidade perpétua. O ser humano, por essência, é amor ilimitado, permanente, inextinguível. E nós, que temos a sorte de participar neste tipo de atividade, podemos constatar isso mesmo, porque há reclusos que reconstróem a sua vida e apoiam os seus companheiros de cela de todas as formas possíveis.

LIBERDADE BRANCA. O meu voluntariado foi sempre um trabalho de equipe. Depressa nos apercebemos da necessidade de uma associação que reunisse as pessoas interessadas no voluntariado e que angariasse fundos, porque as prisões estão cada vez mais longe das populações

e é caro chegar até elas. E chamamos-lhe “Liberdade Branca”. As dezenas de jovens, professores da nossa escola, pais de alunos e ex-alunos, que participaram neste voluntariado, foram uma dádiva extraordinária para mim. A maior parte deles foi afetada pela experiência da relação com os prisioneiros. Tomam consciência dos preconceitos que a sociedade nos ensina sobre os presos, e apercebem-se de que toda a gente precisa de ser ouvida, ajudada e amada... E um bom número deles afirma que “este voluntariado mudou a minha maneira de ver a vida e de entender a minha profissão”. É verdade, a prisão ajuda a nossa maneira de ser e de ver os outros.



VEM. Esquecemos muitas vezes que, no fim da nossa vida, seremos examinados pelo amor (S. João da Cruz): “Tive fome, tive sede, estava nu... estava na prisão e viestes ver-me”. Jesus não é apenas um prisioneiro nas masmorras do Sinédrio, é um prisioneiro executado como criminoso. Jesus identifica-se com os mais pequeninos e pede-nos que façamos o mesmo. E foi um condenado como Pranzini que atraiu Teresa de Lisieux para ser missionária.

É por isso que nós, maristas, também temos um lugar favorável para ensinar: as prisões. Nelas, a maioria das pessoas são jovens. E “assim, muita gente pequena, em lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, pode mudar o mundo” (Eduardo Galeano). Vale a pena juntar-se ao projeto de fazer um mundo novo!



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it